

873

873

Francisco Ferreira de Figueiredo Leitão

A MORPHINOMANIA

DISSERTAÇÃO INAUGURAL
APRESENTADA À
ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO



PORTO
TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL
80—Rua da Fabrica—80

1897

85/6 ENC

2^a dia de Junho de 1897,
pelas 11 horas da manhã

Presidente C. he. ^{João} Antonio de
Alcides Maia

Quem sou

Dr. Agostinho Ant. do Sacramento

Milício Ayres Per. do Valle

Antonio Joaz. de Moraes Caldas

Antonio Raimundo do Estre

Alcides
Maia

ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

CONSELHEIRO-DIRECTOR

DR. WENCESLAU DE LIMA

SECRETARIO

RICARDO D'ALMEIDA JORGE

CORPO DOCENTE

Professores proprietarios

1. ^a Cadeira—Anatomia descriptiva geral	João Pereira Dias Lebre.
2. ^a Cadeira—Physiologia	Antonio Placido da Costa.
3. ^a Cadeira—Historia natural dos medicamentos e materia medica	Illydio Ayres Pereira do Valle.
4. ^a Cadeira—Pathologia externa e therapeutica externa	Antonio Joaquim de Moraes Caldas.
5. ^a Cadeira—Medicina operatoria.	Eduardo Pereira Pimenta.
6. ^a Cadeira—Partos, doenças das mulheres de parto e dos recém-nascidos	Dr. Agostinho Antonio do Souto.
7. ^a Cadeira—Pathologia interna e therapeutica interna	Antonio d'Oliveira Monteiro.
8. ^a Cadeira—Clínica medica	Antonio d'Azevedo Maia.
9. ^a Cadeira—Clínica cirurgica	Candido Augusto Correia de Pinho.
10. ^a Cadeira—Anatomia pathologica	Augusto Henrique d'Almeida Brandão.
11. ^a Cadeira—Medicina legal, hygiene privada e publica e toxicologia	Ricardo d'Almeida Jorge.
12. ^a Cadeira—Pathologia geral, semiologia e historia medica. Pharmacia.	Maximiano A. d'Oliveira Lemos. Nuno Dias Salgueiro.

Professores jubilados

Secção medica	} José d'Andrade Gramaxo. Dr. José Carlos Lopes.
Secção cirurgica	

Professores substitutos

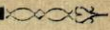
Secção medica	} João Lopes da Silva Martins Junior. Alberto Pereira d'Aguiar.
Secção cirurgica	

Demonstrador de Anatomia

Secção cirurgica	Carlos Alberto de Lima.
----------------------------	-------------------------

A Escola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadadas nas proposições.

(*Regulamento da Escola* de 23 d'abril de 1840, art. 155).



Á MEMORIA

DE

MEU PAE

DE

Minha irmã Piedade

E DE

Meu irmão Padre Adelino

Lgrimas de saudade.

A

Minha Mãe

A MEUS IRMÃOS

A MINHAS IRMÃS

Aos Meus Parentes

Aos Meus Amigos

AOS MEUS INTIMOS

DR. JOSÈ DE MATTOS VIEGAS

E

DR. ANTONIO D'ALMEIDA DIAS

..... e que a morte me não
surprehenda, emquanto eu não
poder evidenciar-vos todo o
meu reconhecimento por tanto
favor que vos devo.

AOS

Meus Amigos

Pedro de Mattos Viegas
Padre Luiz de Mattos Dias da Silva
Padre João Pereira Ribeiro
Padre Antonio Augusto dos Santos
Padre Antonio Rodrigues d'Almeida
Padre Alexandre de Brito
Antonio Gomes Mendes
Miguel Pereira de Mello
Cezar Augusto Ferreira de Mattos
Gil Augusto dos Santos Uria
Antonio Francisco Lopes

Enche-me de orgulho a vossa
amisade.

Possa eu continuar a mere-
cel-a, e serei feliz.

A MEU PADRINHO

O EX.^{mo} SNR.

Dr. Francisco de Barros Coelho e Campos

A MINHA MADRINHA

A EX.^{ma} SNR.^a

D. MARIA LEOPOLDINA DE BARROS

AOS MEUS CONDISCIPULOS

AOS MEUS COMPANHEIROS DE CASA

AOS MEUS CONTEMPORANEOS

Um abraço de despedida.

Ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

Dr. José Carlos Lopes

O discípulo agradecido.

Ao meu presidente

O EX.^{mo} SNR.

Dr. Antonio d'Azevedo Maia

Opio, morphina e injeções hypodermicas

O opio, esse magnifico thesouro da antiga therapeutica, foi durante muito tempo o mysterioso esconderijo d'uma longa série de substancias, que só em uma epocha já relativamente proxima de nós puderam ser isoladas e conhecidas, graças aos superiores esforços dos chimicos do nosso seculo.

Corpo da mais complexa composição, era já conhecido da mais alta antiguidade, e então de um emprego diario, pois não havia por assim dizer estado morbido algum, em que elle se não encontrasse indicado.

Principalmente empregado com o fim de supprimir uma dôr, debellar um mal estar, trazer entim momentos de descanso a quem passou ho-

ras violentamente torturado por um soffrimento mais ou menos brutal acompanhando o complexo cortejo symptomatico d'outras tantas entidades morbidas, ainda hoje mesmo se vê applicado n'um grande numero de doenças, principalmente nas do systema nervoso cujo symptoma dominante é a dôr, nas affecções broncho-pulmonares, cardiacas, abdominaes, etc. Dentro porem d'uma tão vasta area de applicações, não raro se encontram perigosos inconvenientes, geralmente resultantes de continuas prescripções menos pensadas, sahidas umas vezes das mãos de medicos pouco cautelosos, outras de profanos que lhe não conhecem os perigos.

Principiando por doses relativamente pequenas, em breve a tolerancia se vae estabelecendo, e dia a dia se vae sentindo a necessidade de as augmentar para colher algum effeito, e assim, inconscientemente, o organismo se vae viciando até ao ponto de exigir doses exageradas, de que por fim não pode impunemente emancipar-se.

É de Zambaco a seguinte observação, que transcrevemos por nos parecer bastante comprovativa do que vimos dizendo.

Conta elle que: « Na Salpetrière estivera uma mulher de 60 annos, que tomava por dia vinte grammas de laudano. Se lh'o supprimissem era atacada de uma violenta agitação, não comendo nem dormindo e entregando-se a toda a sorte de actos desordenados, até que lhe fosse administrada a ração diaria.

Esta mulher tinha começado a tomar o opio por causa d'uma dôr sciatica que cedêra ao emprego d'este agente. A nevralgia desapareceu mas a doente ficou com o habito terrivel de se narcolizar todos os dias. »

Factos semelhantes se encontram amiude nos differentes auctores que d'este assumpto se tem occupado, e cuja leitura é sufficiente para fazer salientar os cuidados que requer a administração d'este medicamento, já no que diz respeito a dôse e oportunidade, já no que se relaciona com a vigilancia que deve cahir sobre os que d'elle fazem um uso irracional, immoderado e perigoso.

O opio é produzido por uma papoula, — *papaver somniferum* — planta annual, que floresce no mez de junho.

É obtido á custa de incisões praticadas na capsula depois da queda da flôr, e em momento opportuno, demasiadamente conhecido pelos cultivadores d'esta planta.

Ainda hoje está por averiguar qual o ponto do globo onde primeiro appareceu, encontrando-se a este respeito opiniões variadas, de cuja leitura nada se pôde concluir.

Seja porém qual fôr a sua origem, é certo que o commercio o recebe do Egypto, India Oriental, China, Turquia e Persia e mais modernamente da França e de Inglaterra.

É grande, como já dissemos, o numero de principios que constituem o opio, o que explica a multiplicidade dos seus effeitos, pois se lhe

tem encontrado propriedades *narcoticas, analgesicas, anerosmoticas, convulsivantes e toxicas.*

Segundo Rabuteau, a lista dos principios que se tem podido isolar do opio com as suas respectivas percentagens, é a seguinte :

Morphina	2 a 15 %
Narcotina	6 a 8 »
Narceina	6 »
Papaverina	1 »
Thebaina	0,15 »
Codeina	0,7 »
Acido meconico	5 »
Meconina	0,8 »
Agua	10 »
Caoutchuc	6 »
Resina	3 »
Materias gordas	2 »
Gonma	1 »
Mucilagem	20 »

Esta lista é ainda continuada pela pseudo-morphina, laudanina, laudanosina, codeinina, cryptopina, protopina, lanthopina, hydrocotar-nina e porphyroxina, de cujas percentagens o mesmo auctor não falla, talvez por menos conhecidas.

Como se vê, é a morphina o principio utilizado em therapeutica, que no opio póde entrar com percentagem mais elevada; e como esta é variavel nas differentes especies de opio, d'aqui nasce em parte a differença do seu valor.

* * *

Como hoje é sabido, a acção do opio nas diversas preparações pharmaceuticas sob que é em-

pregado, é principalmente devida á quantidade de morphina que contem.

É pois a morphina, a encarregada de na moderna e futura therapeuticas, occupar o logar em que, nas antigas prescripções anteriores ao começo do seculo actual, se lia a palavra *opio*.

Assim o pensam tambem Nothnagel e Rossbach, quando depois de uma longa serie de considerações feitas a este respeito, concluem : «*L'opium agissant qualitativement comme la morphine: sa richesse en principes actifs variant extrêmement suivant sa provenance et suivant les années ; cette substance étant, en outre, soumise à de nombreuses falsifications, à ce point que la quantité de morphine contenue dans les divers échantillons peut varier entre 5 et 20 pour 100 ; d'un autre côté la morphine étant une substance chimiquement pure, facile à préparer, à effets certains et nettement calculables, il s'ensuit de toute nécessité que, d'une manière générale, l'opium peut être considéré comme superflu et doit être entièrement remplacé par la morphine*».

E como é da morphina que pretendemos occupar-nos, passaremos a apresentar d'ella uns rapidos traços historicos, que nos pareceu dever aproveitar no decurso do nosso estudo.

Principiaremos a estudar-a no começo d'este seculo, com Derosne (1803) e Seguin, (1804) não porque anteriormente a elles se não tivesse pensado já que no opio existia um principio que depois se reconheceu ser effectivamente a morphina,

mas porque até então, os differentes auctores apenas nos fallam de simples supposições, sem nada de definitivo, sem nada de averiguado.

Derosne e Seguin apparecem pois no principio d'este seculo disputando entre si a honra de tão famosa descoberta, questão que afinal nos parece sufficientemente esclarecida pelas datas acima citadas. Ainda mais, o nome de *sal de Derosne* que primeiro lhe foi dado, é tambem um facto que não pouco nos encaminha a crêr, que effectivamente a este, deve a humanidade tão preciosa descoberta.

O seu valor porem, ficaria sempre relativamente pequeno, se trabalhos ulteriores taes como os de Sertuerner (1816) e depois e principalmente os de Magendie, não viessem continuar a obra de que Derosne e Seguin apenas foram percursores.

Sertuerner, de quem Delens tão demoradamente se occupa no seu *Dict. das Sci. Medicas*, (1819) ligava para sempre o seu nome á descoberta d'um alcaloide que abundava no opio, que fazia adormecer, e ao qual se deu a denominação de morphina, derivado de Morpheu, que é conhecido na Mythologia pelo deus do somno.

Por fim, apparece então Magendie substituindo a morphina pelos seus saes, fixando as doses da sua applicação e assignalando ainda os primeiros ensaios regulares que d'ella tinham sido feitos em therapeutica. Este celebre physiologista, experimentou o acetato de morphina primeiro

n'um caso de aneurisma da aorta, e depois n'um de cirro da mamma.

Empregou ainda outros saes de morphina, taes como o sulfato e o muriato, preferindo o acciato por o julgar mais activo.

Tinha pois assim realisado a morphina a sua gloriosa entrada no vasto campo da therapeutica, que desde logo lhe cedera um lugar tão proeminente como só o têm as substancias de applicação diaria pelos seus effeitos certos e uteis. E assim constitue hoje um dos mais preciosos recursos d'essa sciencia, valor que a recente descoberta das injeccões hypodermicas, não pouco exaggerou.

*

* * *

Com effeito, o methodo hypodermico é uma das maiores conquistas da therapeutica moderna como o diz Gubler. D'elle deriva uma longa serie de vantagens sobre todos os outros methodos de applicação de medicamentos, taes como: promptidão de absorpção, segurança e maior intensidade do effeito dos medicamentos, sua graduação facil e precisa, larga superficie de applicação, processo sempre applicavel seja qual fôr o estado do doente, deposição no ponto em que se quer actuar e economia dos principios activos attenta a exiguidade das doses. Não pouco devia isto concorrer, repetimos, para desbalisar o primitivo campo de applicação da morphina.

Já em antes de Wood, (1853) a morphina, conhecidas as suas propriedades analgesicas, era empregada no tratamento das nevralgias e outras affecções dolorosas, já em solução, já debaixo da fórma pilular, suppositorios, etc.

Com Wood porem, que tanto concorreu para a generalisação do methodo hypodermico, principia a morphina a ser quasi exclusivamente empregada por este methodo, com visivel vantagem para o medicamento e para o doente, que, vencido o receio da pequena operação — *a picadella*, — se sente maravilhado ante a rapidez com que vê desaparecer-lhe uma dôr que o incommoda, e que pelos primitivos processos, por vezes tanto custava a dominar.

O primitivo instrumento de que Wood se serviu, consistia apenas n'um corpo de bomba, de vidro, com uma extremidade onde se articulava uma agulha ôca, destinada a levar debaixo da pelle a substancia medicamentosa em solução na agua.

Com o correr do tempo, foi este primitivo exemplar pouco a pouco aperfeiçoado, tomando uma fórma menos volumosa e mais delicada, de modo a satisfazer por completo, a phantasia a mais exigente na escolha de instrumentos d'esta ordem.

Resumindo, vê-se que, a morphina quer pelas suas propriedades, quer pela rapidez e segurança com que os seus effeitos se produzem, quer pela facilidade da sua applicação, quer pela por-

tatidade do arsenal preciso para ser administrada, deve ser considerada como uma substancia de subido valor em therapeutica, onde ella com todo o direito hoje occupa um verdadeiro *logar de honra*.

*

* *

Não se conclua porem do que temos dito, que é sem inconvenientes a administração das injeções subcutaneas de morphina. Admirando os incontestaveis serviços prestados por tal medicação á moderna therapeutica, não devemos esquecer os accidentes por vezes graves, que resultam da sua applicação.

Estes accidentes cuja importancia por vezes é nulla ou pelo menos insignificante, facilmente poderiam ser evitados não permittindo a profanos o manejo da seringa hypodermica, que nunca devera ter sahido das mãos de medicos sabedores e prudentes.

Estão n'este caso por exemplo, o *emphysema localisado*, devido á existencia de ar na seringa e arrastado com o liquido da injeção; a *penetração da agulha em vasos de certo calibre*, dando lugar a hemorragias mais ou menos abundantes, ou concorrendo para a formação de thrombos, o que em certos casos póde constituir uma séria complicação.

Não é raro ainda observar-se no lugar da inje-

ção alguns *endurecimentos*, pequenos mas muito dolorosos, que frequentemente se terminam por *phleimões*, reproduzindo-se com extrema facilidade a cada nova picada que o doente soffre.

Accidentes mais graves e não extremamente raros, são ainda aquelles que apparecendo como que por surpresa e pondo desde logo em grave risco os dias do doente, se nos manifestam por *phenomenos de intoxicacão morphinica*, sem a concorrência de um excesso de dóse a explical-os, e dando-se em individuos já de ha muito habituados á acção d'este alcaloide.

Estes accidentes são, porem, demasiadamente pequenos, para implicarem a condemnação de um methodo que tem vantagens tão decididas e aproveitaveis como as que acima expozemos.

Já o mesmo não succede com os accidentes que resultam de uma applicação demorada da morfina, accidentes por vezes inevitaveis, traduzindo no organismo em que se observam, profundas e funestas modificações interessando-lhe os differentes aparelhos, desnorteando-lhe o seu funcionamento regular e physiologico, compromettendo-lhe enfim a sua actividade e energia vitaes.

N'este estado de desordem e pobreza physiologicas, a que chegam as organizações as mais fortes, as differentes entidades morbidas encontram n'este momento terrenos magnificamente preparados para o seu traçoero assalto, para a sua installação e rapido desenvolvimento.

É assim que se torna tuberculoso um doente

de Zambaco, cuja eloquente observação acabamos de lêr, e que é bastante expressiva para fazer salientar o duplo papel, que o uso immoderado da morphina realisa nas suas victimas.

É com effeito d'este abuso, que nasce esse desequilibrio funcional que chega a fazer perder a propria individualidade áquelles que cegamente se lhe entregam, originando verdadeiros doentes, em cujo intimo as repetidas doses de morphina foram creando, desenvolvendo, como que incendiando uma paixão, digamos morbida, que mais tarde os ha-de tyrannizar até ao ponto de se lhes impôr ainda que á custa da propria vida.

É este o mais deploravel de todos os inconvenientes das injeccões subcutaneas de morphina. Muito propositadamente lhe reservamos o ultimo logar, por ser o especialmente escolhido para assumpto do nosso trabalho; e no capitulo seguinte d'elle nos occuparemos detidamente, apresentando algumas observações, que melhor nos farão perceber a entidade morbida cuja denominação nos serve de epigraphe.

Morphinomania

Nem todos os individuos que fazem uso continuo da morphina, se tornam morphinomanos.

Alguns ha que a empregam durante annos sempre na mesma dóse, e que, quando a tal se decidem, a supprimem sem nenhuma difficuldade.

Outros ha porem, que, talvez por predisposições muito especiaes e intimas de natureza hereditaria ou adquirida, após as primeiras dóses de morphina, recebidas as primeiras impressões dos seus mysteriosos effeitos, se tornam de tal fórma seus escravos, que, contrariamente á sua vontade, se vêem forçados a persistir em um uso e abuso, que mais apréssa a aquisição da entidade morbida que nos occupa.

Este modo de reagir tão differente de um

para outro individuo, e ainda no mesmo individuo em differentes epochas da sua existencia, é sem duvida um dos primeiros e mais serios estorvos, que o medico encontra na apreciação de todos os elementos que precisa conhecer, para bem se assenhorear d'uma dada doença, por mais simples, por menos apparatusa que ella se lhe apresente.

Collocado em frente do seu doente, cujas aptidões morbidas nem sempre poderá conhecer, não raras vezes succede no caso que nos occupa, ser elle, ainda que inconscientemente, o primeiro a despertar no seu cliente a terrivel paixão pelo veneno que vimos estudando.

Pequeno deveria ser comtudo o numero das suas victimas, se fosse esta a unica origem da marcha tristemente rapida d'essa especie de epidemia morphinica, que a complacencia de uns, a ignorancia, convivencia e interesse de outros, tanto tem contribuido para accelerar, podendo dizer-se que hoje todos os paizes lhe pagam o seu tributo mais ou menos pesado, sendo certo que na Allemanha, França e Estados Unidos, tal tributo se encontra exageradissimo. Em Portugal mesmo, de onde não podemos apresentar a respectiva percentagem por nos faltarem documentos officiaes de onde a podessemos deduzir, não é de todo raro encontrar-se um ou outro exemplar.

De dois casos temos nós conhecimento pessoal, observados um n'um pharmaceutico, e outro n'um empregado publico.

O primeiro, homem de 40 annos aproximadamente, a maior parte dos quaes gastára em leviandades de toda a ordem, morreu victima da morphina, a cuja acção, dizia elle «devo o segredo de muitas das minhas extravagancias».

O segundo, rapaz ainda novo, 25 annos talvez, principiou a fazer uso da morphina, para acalmar as dôres de uma gastralgia que amiude o incommodava.

Este conseguiu curar-se depois de perto de tres annos de uso d'este alcaloide, e vive ainda. Por vezes tivemos occasião de assistir á argumentação que elle oppunha, ás continuas instancias com que pessoas de sua familia lhe aconselhavam a emancipação de tão funesto vicio.

Sufficientemente educado e conhecedor da logica com que todos os morphinomanos costumam defender-se, por vezes lhe ouvimos dizer: «seja qual fór o destino a que a morphina me condemne, sinto que não poderei dispensal-a, porque só ella é capaz de me acalmar as dôres que tão desesperadamente me torturam. Alem d'isso, as minhas condições sociaes exigem-me a producção d'uma certa quantidade de trabalho, e eu, hoje, sem morphina, sou um individuo inerte, como que não tendo nem musculos, nem cerebro. É-me portanto indispensavel a provocação de forças que a sociedade continuamente me exige, e que eu não poderia fornecer-lhe, limitando-me apenas ao emprego das minhas energias especificas, que eu sinto como que adormecidas, e que

só consigo fazer vibrar, empregando a morfina. Sirvo-me afinal d'este alcaloide da mesma fórma e para os mesmos fins com que por esse mundo fóra uns se servem do alchool, outros do café, outros do tabaco, etc. Serei um vicioso, um fraco, serei enfim o que quizerem; mas o que é certo, é que não penso em separar-me de um agente a que devo o goso de tantas sensações de um bem estar inexplicavel. »

Passados porem tres annos, poude por um esforço talvez proprio da sua idade, libertar-se por completo de tão terrivel paixão.

Da analyse d'estes dois factos, resalta evidentemente a complexidade dos effeitos da morfina no organismo.

Já se não trata de apagar uma dôr que incommoda ou de auxiliar a cura d'uma doença que compromette uma existencia.

O morphinomano vae mais longe.

Vae exigir do seu alcaloide propriedades talvez mais nobres, mas com certeza para elle mais perigosas, que se dirijam principalmente á creação d'um novo estado psychico, todo cheio de illusões, de miragens, de sonhos deliciosos completamente povoados de scenas risongas, de uma volupia aphrodisiaca e provocadora.

Este estado, porem, é pouco duradouro, e, acabado elle, o morphinomano sente a necessidade d'uma nova injeccão, que elle pratica, e que repete em intervallos successivamente mais curtos.

Depois, já se não limita a augmentar simples-

mente o numero de injeccões, mas tambem a dõse de morphina de cada uma.

E se elle assiste indifferente ao desenvolvimento da sua paixão, se não reage contra o seu tão lastimavel habito, cêdo chegará ao termo fatal e constante da morphinomania — a loucura, a morte — .

É da observação de Zambaco o caso que em seguida transcrevemos, e que aproveitamos por lhe acharmos a dupla vantagem de nos fazer assistir ás diversas phases do envenenamento pela morphina, e de nos instruir sobre as modificações que soffrem as principaes funcções da economia, debaixo da sua influencia fatal.

«O dr. L. . . . , medico do hospital russo de Constantinopla, de 35 annos de idade, casado e pae de 5 filhos, era um confrade muito distincto, que tinha feito os seus estudos em Vienna, onde contrahira o costume de fumar e de tomar cerveja em demasia.

São estas, além do uso das comidas *adubadas* em excesso, as causas provaveis de uma gastralgia intensa que o torturou durante alguns annos e contra a qual achou como melhor remedio a morphina.

Este medicamento foi empregado primeiro pela via gastrica. Mas, mais tarde, empregou-o sob a fórma de injeccões sub-cutaneas, na dose de um centigramma por dia, dividido em duas partes.

Durante algum tempo, parecia sentir-se feliz por ver assim desaparecer as suas dores violen-

tas. Eu mesmo tinha notado n'elle uma mudança; bom humor, appetite, uma melhora notavel e a expressão d'um bem estar geral incontestavel. A gastralgia tinha definitivamente cedido.

Nas conversações frequentes que tinha com elle não cessava de me fazer o panegyrico da morphina, á qual elle devia tudo. E eu obtinha tambem a confissão de que elle augmentava progressivamente a dóse.

Soube depois que elle tomou, durante alguns mezes, quatro, cinco e mesmo dez centigrammas em 24 horas, apesar das nossas vivas discussões e dos conselhos que eu não cessava de lhe dar. Mas por fim, para se esquivar, ás minhas observações, se bem que ellas fossem dictadas pela mais amigavel confraternidade, evitava fallar-me da morphina.

O seu modo embaraçado de responder quando eu lhe expunha claramente a questão da dóse que elle empregava, trahia a dissimulação.

«É preciso acreditar que eu não abuso», repetia-me elle muitas vezes.

O facto é que elle fazia segredo; de sorte que eu não podia avaliar com precisão a quantidade usada por dia.

Certo é que seis mezes, proximamente depois das suas melhoras, de que o dr. L... se gloriava tanto, e de que dava a demonstração evidente na sua physionomia, começou a empallidecer, a emagrecer, e a tornar-se mais reservado e mediatundo. Não se expandia como d'antes. Conver-

sava pouco, e ria menos. Á cabeceira dos doentes, nas nossas consultas já eu não encontrava o seu espirito de investigação, nem a justeza das suas apreciações d'outr'ora. Tinha sempre uma expressão de fadiga, de indiferença por tudo; uma mudança incontestavel se operava nas suas faculdades psychicas; a sua intelligencia minorava e a sua affeição para com os amigos e para com os seus tendia a desaparecer.

Deixava-se por vezes surprehender fixando a vista sobre um objecto insignificante, sem que a sua physionomia exprimissem um pensamento ou uma preocupação. Era mais uma ausencia, uma suspensão da intelligencia. Apresso-me a ajuntar que a sua posição social tornava-se cada vez mais satisfatoria e que não havia motivo de origem moral que torturasse o seu espirito.

Physicamente, tinha-se tornado menos agil, mais preguiçoso. Deixava-se ficar no sitio em que estivesse e não se lembrava que a sua presença era necessaria em outra parte.

O appetite diminuia tambem. Detestava cada vez mais a carne e limitava-se por fim a alimentar-se de salada, de lacticinios e de fructos.

Esta depressão progressiva e geral no dr. L... sob o duplo ponto de vista das funcções intellectuaes e animaes, era notada por todos.

Quantas vezes não lhe disse eu que elle se aniquilava, que se suicidava com a sua morfina! era sempre um assumpto desgostoso e de guerra entre nós. Repetia-me que a usava com

grande moderação, e que não estando já gastral-gico só empregava tres ou quatro centigrammas por dia.

Comtudo, os factos fallavam por si mesmos e davam o mais formal desmentido ás suas asserções.

Tomei o partido de me dirigir secretamente a sua mulher.

M.^{me} L... confirmou o meu diagnostico.

Repetiu-me com pena que lhe tinha feito as mesmas observações que eu lhe fizera. Insistiu sobre a incuria, sobre a indiferença que elle tinha para tudo: o dr. L... não parecia mostrar nenhum sentimento affectuoso para com pessoa alguma, nem mesmo para com os seus filhos! sempre silencioso, immerso em uma tristeza não motivada que nada podia destruir, repetia que a vida era um fardo, e para elle só havia um prazer no mundo: o de se morphinisar.

Disse-me M.^{me} L... que quando elle terminava os seus trabalhos, que de manhã, ao acordar, e muitas vezes durante o dia, injectava a morphina; M.^{me} L... mostrou-me um grande frasco que continha proximamente quinze grammas de chlorhydrato e do qual o doutor usava sem peso nem medida.

Segundo o que me disse M.^{me} L... nos primeiros tempos, o doutor tornára-se mais agradável, mais conversador, parecia mais contente, mais alegre, depois de cada injectão. Mas já não acontece o mesmo e sobretudo depois que a dóse

empregada é de 40 a 50 centigrammas por dia.

Assim, além da pequena dóse ao acordar, logo depois das suas occupaões urgentes, o dr. L... praticava uma nova injecção. Algum tempo depois almoçava e adormecia sobre um *fauteuil* durante largas horas.

Tinha, pois, adivinhado que a causa unica d'esta mudança moral e physica de que eu tinha seguido os progressos passo a passo no meu collega, que eu via quasi todos os dias na minha visita ao hospital russo, era causada pelo abuso das injecções de morphina.

Este estado cada vez mais desagradavel augmentava a olhos vistos, apesar dos meus conselhos que elle aceitava de má vontade.

No emtanto um dia o que lhe eu disse comoveu-o, e desvendou-me elle proprio o seu segredo. Mas declarou-me ao mesmo tempo a *impossibilidade* em que se achava de renunciar ás suas injecções. Disse-me que tinha experimentado, mas sem exito; julgava completamente impossivel diminuir a dóse.

Conhecia bem a sua posição e os perigos a que se expunha; mas *era superior ás suas forças*.

Enlouqueceria sem a sua morphina.

Declarou-me que empregava quarenta centigrammas de morphina proxivamente em 24 horas, por quatro ou seis vezes. Estou, porém, convencido que a dóse era muito maior, sem

elle mesmo saber, porque, como eu disse, tirava a morphina do frasco á vontade sem a pezar.

Quando a hora habitual da injeccão se aproxima, diz-me elle, apodera-se do meu corpo uma agitação que augmenta constantemente.

O doutor não se póde conservar em nenhum sitio; uma sensação insupportavel percorre todos os seus membros: sobrevem uma especie de fadiga, de cansaço, de fraqueza extrema. Os seus membros ficam pesados, preguiçosos; a respiração torna-se angustiosa, profunda; o pulso fraco, algumas vezes agitado. Soffre palpitações cardiacas, zumbidos nos ouvidos, uma sensação de vacuo na cabeça; toda a fixação do espirito, todo o trabalho intellectual torna-se absolutamente impossivel. As pupillas fechadas habitualmente acham-se relativamente dilatadas depois que emprega as injeccões.

Se n'estes momentos alguem o contradiz, se se oppõe á injeccão ou a retarda, encolerisa-se violentamente: *fica fóra de si*. Á mais pequena observação que sua mulher lhe fizesse, quebrava, escangalhava tudo. Foi assim que um dia, quando M.^{me} L. . . lhe retardou a injeccão á qual ella se queria oppôr por meio de supplicas, o doutor foi atacado de um verdadeiro accesso de mania furiosa. Assisti a esta scena de exaltação e admirei-me da sua violencia. Logo que a injeccão se faz, muda tudo. Reapparece a tranquillidade, e torna a ter ó bom humor, pelo menos relativamente; experimenta um bem estar

geral. As diversas sensações desagradáveis que lhe percorriam todo o corpo cedem immediatamente lugar ao estado de quietação.

Fica mais bem disposto, mais leve nos seus movimentos; o pulso anima-se; a respiração torna-se regular; a intelligencia desperta; torna-se apta para o trabalho.

É então que póde tomar alimentos, e tornar-se complacente, agradável. Em uma palavra, o doutor só se acha no seu estado *normal* depois de ter feito a injeccção. O effeito narcotico da morphina só sobrevem uma ou duas horas depois da injeccção; mas a primeira acção que ella exerce sobre a economia é levantar as forças e quietar o systema nervoso.

Comtudo, esta melhora do estado geral só é temporaria, e segue logo a cada injeccção; porque pouco depois recae no mesmo estado de prostração e apathia, que se tornou o seu estado habitual e a que uma nova injeccção o virá ainda tirar, quando tiver desaparecido o effeito da precedente. Está, pois, n'um cyclo vicioso; combate os effeitos de abatimento que a morphina produz, com uma nova dóse de veneno que anima artificialmente as forças e produz uma quietação passageira, mas esta injeccção produz depois da prostração uma sobreexcitação consecutiva mais pronunciada quando não é seguida de uma nova injeccção, e assim successivamente.

Tal era o estado do dr. L... quando uma manhã M.^{me} L... me mandou chamar á pressa.

Encontro o meu collega de cama. As suas faces emmagrecidas teem uma expressão cadaverica. Os labios estão um pouco arroxeados. Está somnolento. Responde apenas ás minhas perguntas; a sua intelligencia parece-me obtusa. Pulso fraco e irregular. Pulsações do coração muito fracas, apreciaveis pela auscultação. Respiração lenta, repetindo-se 10 a 12 vezes por minuto. Depois de tres ou quatro movimentos respiratorios curtos, incompletos, ha um que dilata todo o peito. As pupillas estão quasi cerradas. A lingua sêcca. O doutor pede amiudadas vezes agua para beber. Não era difficil reconhecer um verdadeiro envenenamento pela morphina, de que elle tinha provavelmente tomado uma dóse elevada.

M.^{me} L. . . contou-me, amedrontada, que hora e meia antes de eu chegar, tinha tentado impedir-o de fazer a injecção; que elle se tinha enfurecido e lhe tinha dado empurrões. Depois de uma scena da maior violencia, se fechára sósinho no seu quarto, levando comsigo um frasco de morphina.

Declarei-lhe simplesmente que elle se tinha envenenado; que a sua morphiomania tinha attingido os ultimos limites e que se elle decidia não abandonar a morphina, pelo menos progressivamente, não podia viver muito tempo. O dr. L. . . accudiu dizendo, que eu accusava injustamente a morphina; que não era ella a causa do seu estado actual, que não fazia injecções havia muitos dias.

Mas no meio d'esta discussão, que o desper-

to, abri a gaveta da mesa de cabeceira que estava ao lado da cama e descobri o corpo de delicto: com effeito encontrei um frasco que continha pouco mais ou menos dez grammas de chlorhydrato de morphina e diversas seringas. Tirei o frasco depois de ter commovido o meu amigo, fazendo-o pensar nas consequencias fataes do seu procedimento e nos seus pobres filhos, que elle proprio condemnava ás desventuras da orphanidade.

Deu-me a sua palavra de honra que havia de seguir os meus conselhos, e que havia de diminuir progressivamente a dóse de morphina a partir d'aquelle dia. Prescrevi-lhe uma poção de quina, contendo cognac e cafeina. Recommendei a M.^{me} L... que o fizesse comer tanto quanto possivel carne assada, e que lhe dêsse vinho.

Seis dias depois, e sem que nenhum phenomeno annunciasse catastrophe proxima, quando enrolava um cigarro, o doutor caiu subitamente sem sentidos e expirou.

Soube por M.^{me} L... que, apesar das suas promessas e dos seus juramentos o dr. L... tinha continuado a fazer as suas injeções, como anteriormente, sem medir mesmo a dóse de morphina. Um dia antes tinha sido atacado por um accesso de furor maniaco, tinha feito ainda uma scena terrivel batendo nos filhos, quando lhe supplicavam que moderasse a dóse de morphina, conforme as promessas que elle me tinha feito. Elle que era de character tão affectuoso e tão doce! »

É esta observação, já o dissemos, cheia de ensinamentos aproveitáveis para o nosso estudo, pois n'ella se encontra em toda a sua nitidez esse famoso conjuncto de perturbações, quer de ordem *physica* interessando os differentes apparatus da economia até á supressão das suas respectivas funcções, quer de ordem *psychica* destruindo o equilibrio normal e regular das differentes faculdades, produzindo successivas mudanças de character, desde a indiferença a mais pacata até ao accesso de loucura o mais furioso.

Estas differentes perturbações, (nota-se ainda na mesma observação), encontramol-as distribuidas por certa ordem, como que por periodos successivos, na vida do doente que *Zambaco* alli nos apresenta.

Tal observação está ainda de completo accôrdo com a marcha classica que os differentes auctores assignalam á evolução da *morphinomania*.

Ao principio, parece inegavel que a agradável sensação produzida pela *morphina* é mais intellectual que sensitiva. A felicidade artificial provocada pela injeccão, tem a sua origem principalmente na pujança e vivacidade do pensamento, que n'este momento tem *azas*, no dizer de *al-guns*.

N'esta primeira phase por que passam os nossos doentes, nota-se que elles se tornam expansivos, alegres, de uma actividade desmedida, que se manifesta não só na sua linguagem, nos seus escriptos, mas principalmente na sua conducta.

Debaixo da influencia da sobreexcitação morfinica, elles concebem mil projectos cuja realisação immediata procuram effectuar, adquirem aptidões que ninguem lhes conhecia, e que, para elles mesmo são verdadeiras surpresas.

A sua memoria, em estado de hyperesthesia, representa-lhes, como em um quadro fiel, os acontecimentos mais insignificantes da sua vida, os factos mais occultos pelo escuro véo d'um passado mais ou menos remoto.

N'este primeiro estado, concebem com extrema facilidade as idéas as mais ingratas, complexas e difficeis. Uma simples injecção provoca n'elles recursos de espirito como que maravilhosos, fazendo d'um mediocre um genio momentaneo, como se a vara maravilhosa de uma fada tivesse presidido a esta magica transformação.

Esta fecundidade intellectual, porém, é pouco duravel, pouco persistente, e algumas horas apenas, bastam para que o morphinomano incipiente a veja extinguir-se, voltando de novo ao seu primitivo estado, até que uma nova injecção o faça entrar mais uma vez no seu maravilhoso e artificial paraíso. Estes intervallos que elle têm o cuidado de fazer cada vez mais curtos, principiam então a ser-lhe cada vez mais dolorosos.

Á medida que a hora da sua habitual injecção se aproxima, principia a sentir-se tomado por uma forte agitação interior, que contra sua vontade, o faz mudar de posição constantemente, apesar da fraqueza extrema que o invade. Sen-

sações insupportaveis percorrem os seus membros.

Sente por toda a parte como que formigueiros, os seus musculos são constantemente percorridos por tremores fibrillares, dando-lhe a sensação que se produziria, se milhares de vermes o estivessem picando em todas as partes do corpo. Ha uma perda de forças consideravel, a ponto de lhe parecer incalculavel a somma de energia voluntaria que desenvolve para levantar os seus membros.

Sente o coração como que saltando dentro do peito, zumbidos de ouvidos, e a cabeça parece-lhe lamentavelmente vasia. O pensamento torna-se-lhe doloroso, e toda a acção espontanea é superior á sua coragem. A sua intelligencia torna-se desobediente, e toda a fixação de idéas se lhe afigura impossivel.

N'este cahos, porem, em que agora encontramos o morphinomano, uma unica preocupação persiste, dominante, imperiosa — a de dar uma injectão, — o que elle effectua, a despeito mesmo das ameaças ou das supplicas dos que o cercam e que porventura pretendam desvial-o do seu tão funesto vicio.

Praticada a nova injectão, toda esta phase de excitação e de fraqueza physica e moral desaparece, para se mostrar de novo a posse de um bem estar indefinivel proporcionando ao seu portador nova occasião de produzir trabalho bem

orientado, e, para elle, n'este momento, de facil realisação.

E é no meio d'estas alternativas, que se passa a primeira phase do habito da morphina, cuja duração é indeterminavel; pois, como já dissemos, cada um reage de sua maneira, sendo extremamente raro que dois morphinomanos apresentem um character identico.

N'um periodo mais adeantado da morphinomania, começa então a revelar-se em todos os morphinomanos, indistinctamente, o enfraquecimento moral. A intelligencia torna-se-lhes preguiçosa e a sua percepção vae diminuindo pouco a pouco ao mesmo tempo que a memoria vae revelando tendencia a desaparecer.

A rapidez das suas concepções, a perspicacia das suas respostas, os seus gostos, os seus instinctos mesmo são modificados.

A principio sombrios e taciturnos, preocupados, desconfiados, nota-se-lhes uma mudança de humor e de character muito apreciaveis, tornando-se tão facilmente irritaveis, que a menor contrariedade lhes provoca accessos de colera frequentes, arrebatamentos verdadeiramente furiosos.

De individuos activos, laboriosos e cuidadosos da sua pessoa, encontram-se agora transformados em preguiçosos, aphaticos, indifferentes e por vezes immundos.

Subjugados pelo tyrannico imperio da sua fatal paixão, que os avilta, que os degrada, furiosos de se sentirem impotentes na lueta que por

vezes tentam contra a despotica imposição do seu vicio, cahem umas vezes n'um abatimento profundo, outras, pelo contrario, são arrastados a commetter actos de violencia e de brutalidade inexplicaveis; ferindo ou maltratando os que se lhe acercam; obrando enfim como verdadeiros insensatos.

A maior desigualdade se observa nos seus sentimentos; ficam frios, indifferentes, em presença d'uma circumstancia grave e importante da vida, e emmocionam-se até ás lagrimas na occasião d'um factu insignificante e banal.

No mesmo dia, no espaço de poucas horas, sentem uma aversão injustificavel e uma sympathia desmedida por uma mesma pessoa, mostrando-se agora exigentes, imperiosos e inquietos, logo humildes, affaveis e submissos.

N'um periodo mais adeantado ainda da sua doença, vamos encontrar o morphinomano senhor de um egoismo insensato e estúpido, com um completo desprezo por tudo e por todos, completamente indifferente e inerte em frente quer dos acontecimentos os mais tristes, quer ante as narrações as mais alegres.

É este estado de torpôr, de asthenia da cellula cerebral, o resultado de continuas e repetidas sollicitações feitas pela morphina á cellula nervosa, que, esgotada, cansada já de tanto reagir a esta provocação tão demorada e repetida, se nega a movimentar-lhe a intelligencia, permittindo-lhe apenas a pösse dos ultimos vestigios

da sua vitalidade empobrecida, que o morphinomano ainda aproveita fazendo-os constantemente convergir para um unico fim — a realisação da sua injeção —.

Invadidos d'uma fraqueza geral, gradualmente crescente, poupando com um cuidado extremo as ultimas parcellas de energia que lhes restam, elles evitam todo e qualquer trabalho physico ou intellectual, principiando então a sentir-se tomados por um torpôr geral, por uma completa anesthesia moral, sensitiva e intellectual, que os obriga a procurar a solidão, o isolamento, esperando que a demencia sobrevenha, ou que alguma doença intercorrente os atinja e os mate.

É este o caminho seguido pela maior parte dos nossos doentes, caminho que admittimos, mais longo ou mais curto, segundo as aptidões morbidas de cada um.

O mesmo diremos da sua marcha, que, pela mesma razão poderá effectuar-se mais ou menos apressadamente.

Symptomatologia

Nem sempre é facil surprehender o morfomano, no momento em que elle se occupa da alimentação do seu vicio, na pratica da sua habitual injeção.

Por vezes é mesmo muito difficil, conseguir ouvir-lhe a confissão da paixão que o domina e tyrannisa, e que elle tenta occultar com o cuidado e teimosia com que habitualmente se occultam os vicios que a sociedade considera degradantes e intoleraveis.

N'esta especie de doentes que estamos estudando, observa-se e tem-se mesmo querido fazer passar como caracteristico, o facto de quererem illudir não só o medico, mas ainda as pessoas encarregadas da sua guarda, a respeito das doses,

da frequencia, do logar onde occultam a seringa e o frasco, do sitio onde fazem a injeccão, da hora a que costumam practical-a, etc.

E concebe-se que assim seja, se attendermos a que, por um lado, elles devem receiar que lhe seja prohibido o uso do seu alcaloide, sem o qual, dizem, não podem passar; por outro, porque apezar de tudo, são elles os primeiros a condemnarem a sua fraqueza, quando no ultimo periodo da sua doença, alguem lhes lembra o logar que a sociedade deliberou reservar aos viciosos, que, como elles, lhe são innuteis e por vezes prejudiciaes e perigosos.

Por tudo isto pois, o morphinomano recorre aos argumentos que melhor pôde architectar, empregando frequentemente a sua palavra de honra affirmando ter abandonado já a sua paixão, que tanta gente lhe condemnava, chegando a enganar mesmo as pessoas que mais respeita, só com o unico intuito de fugir á vigilancia e suspeita de uns, e á prohibição que outros lhe poderiam impôr.

E não é só em classes menos elevadas, que estes factos se observam: pessoas mesmo dotadas de reconhecida probidade, e altamente collocadas, os praticam frequentemente.

Chambard cita um caso da observação de Levinstein, em que se falla d'um medico, que, para neutralisar a acção da morphina sobre a pupilla, deitava nos olhos algumas gottas d'um soluto de atropina antes da visita do facultativo que o andava a tratar.

D'aqui se conclue quanto o medico deve ser escrupuloso na pesquisa dos symptomas denunciadores da doença que nos occupa. D'aqui se conclue tambem, a importancia d'esta parte do nosso trabalho, que vamos tratar com alguma demora, pois nos parece conveniente percorrer os differentes apparatus, vendo o modo como cada um reage, e como denuncia o seu contacto com o alcaloide que estamos estudando.

Apparelho digestivo — As perturbações d'este apparelho são as primeiras que se revelam ao espirito do doente.

No começo das suas injeções de morfina, após a absorpção das primeiras doses, sente elle o mais das vezes, nauseas, vomitos, diminuição de appetite e sede intensa. Depois, n'um periodo mais adeantado, a bôcca como que viscosa, a lingua coberta d'uma saburra branca, um gosto especial que nem sempre sabe definir, mas que lhe é em extremo desagradavel por sua persistencia.

As gengivas sangram ao menor contacto e por vezes espontaneamente.

As alterações dos dentes, *caries*, são constantes e precoces. O halito é fétido.

A carie não poupa dente nenhum, principiando pelos grandes molares, bicuspideos, incisivos e por fim os caninos.

M. Combes cita casos de sua observação, em que varios doentes, passado apenas um anno de-

pois da primeira carie, não tinham já um unico dente intacto.

Com a destruição dos dentes, coincide por vezes a queda dos cabellos.

Este facto, porem, nem sempre se dá, chegando mesmo a notar-se em individuos fazendo uso das injecções de morphina em larga escala e ha muito tempo, abundantes cabelleiras, magnificamente desenvolvidas, cujo excepcional vigor parece vir-lhe da sua intoxicação habitual.

O appetite a principio diminuido, é n'um periodo mais adeantado completamente abolido. A dyspepsia é por assim dizer constante e fatal n'este genero de intoxicados.

Do lado do intestino, observa-se uma constipação pertinaz, por vezes interrompida por alternativas de diarrhea.

As dejeções são raras, dolorosas e por vezes sanguinolentas.

Apparelho circulatorio — O coração como os vasos não soffrem tambem silenciosamente o contacto prolongado da morphina.

A excitação continua e constantemente renovada por novas doses, que entretêm no aparelho circulatorio o abuso d'este alcaloide, é por si mesma uma causa predisponente para as desordens mais ou menos graves, operadas principalmente na membrana interna d'este systema, endothelio e endocardio.

A principio, notam-se apenas perturbações

funcionaes: dôr precordial, palpitações, congestões passageiras de diversos órgãos, alternativas frequentes de rubôr e de palidez da face. Mais tarde o myocardio altera-se: ás desordens dynamicas succedem-se verdadeiras lesões organicas.

O coração hypertrophia-se, primeira e natural consequencia de um estímulo prolongado; em uma época mais ou menos avançada soffre a degeneração gordurosa, e a cavidade ventricular esquerda dilata-se, certamente por insufficiencia de energia do musculo cardiaco, já incapaz de luctar contra a tensão do sangue. Os seus movimentos são affrouxados, o que Gocheilden attribue à excitação dos pneumogastricos, verificando que tal afrouxamento se não dava tendo previamente seccionado estes nervos.

Nos velhos, este afrouxamento pode ir até á suspensão completa, o que explica a morte subita que em certos casos se observa.

O estado dos vasos não fica extranho ás perturbações funcionaes observadas nos morphinomanos no campo circulatorio. Sujeitos ás modificações nervosas inseparaveis da intoxicação morphinica, reagem debaixo da fórma de espasmos ou de bruscas dilatações, levando successivamente ao meio dos tecidos, ou a ischemia ou a hyperhemia.

Mais tarde encontram-se tambem invadidos por uma verdadeira infiltração de materias gordurosas, alteração que os póde tornar aptos para a origem de accidentes serios e fataes.

O pulso torna-se por vezes pequeno e fraco. O seu traçado sphygmographico é extremamente variavel, segundo é colhido immediatamente a uma injeccão, ou passado algum tempo.

No caso em que a abstinencia se prolonga, enfraquece-se demasiadamente, torna-se irregular, bate apenas 30 ou 40 pulsações por minuto e torna-se enfim completamente insensivel.

Este conjuncto, porem, de alterações já na funcção, já na textura dos vasos, actuando de um modo tão desfavoravel sobre o organismo do morphinomano, é até certa altura da doença, vencido pela compensação que se estabelece do lado do coração, que, no intuito cego mas natural de auxiliar a integridade das partes que lhe são dependencias concorrendo para o complemento da sua funcção, á custa de um excesso de trabalho, anormalmente excitado, accelera os seus movimentos, lançando para a peripheria uma maior quantidade de sangue, sustentando assim nas arterias, durante um certo tempo a pressão normal.

Mais tarde a contractilidade cardiaca visivelmente enfraquecida, quer por esgotamento nervoso (hypostenia cardiaca) quer pelo facto da degeneração a que já nos referimos, a compensação não podendo dar-se, a tenção arterial começa a baixar consideravelmente, o que explica a produção de syncopes tão frequentemente observadas no morphinismo chronico, quando bruscamente se tenta a suppressão da morphina.

Como consequencia d'estas perturbações que

estamos descrevendo, resultam necessariamente as alterações nutritivas, que, paralelamente se desenhão, já no emmagrecimento, já no desenvolvimento exagerado de tecido adiposo, que se observa nos morphinomanos.

Apparelho respiratorio — Este aparelho é sem duvida o que menos soffre com o uso da morphina.

Assiste como que indifferente á derrocada, por vezes lenta, que se vae operando no organismo do morphinomano, sem se manifestar por symptoma digno de ser considerado como caracteristico.

Apenas por vezes, o que ainda assim é raro, os doentes accusam uma tal ou qual dyspnêa, que mais se accentua immediatamente depois da introdução da morphina.

Algumas vezes tambem, nota-se, que a respiração se torna mais curta e incompleta.

O numero das respirações então não excede 12 a 14 por minuto, o que obriga o doente a fazer, em intervallos mais ou menos curtos, uma longa inspiração, pondo para isso em jogo todos os musculos inspiradores, que nem sempre concorrem com a sufficiente energia para dilatar a caixa thoracica, de modo que o pulmão receba a quantidade de ar que o doente n'esta occasião precisa.

Falla-se ainda no frequente apparecimento da tuberculose pulmonar nos morphinomanos.

Quanto a nós, parece-nos que n'estes casos a

morphina apenas actua preparando o terreno para mais facil e rapido desenvolvimento do terrivel bacillo.

Apparelho urinario—O rim é tambem um dos orgãos que muito soffre ao contacto com a morphina.

Um dos principaes emunctorios da economia, quando normal, perde no morphinomano a sua permeabilidade, obrigando a permanencia no sangue, de varios principios que por elle deviam ser eliminados.

As consequencias d'esta perturbação podem ser de natureza muito variada, e a sua genese é de crêr que esteja intimamente relacionada com as modificações vasculares de que já n'outro logar nos occupamos.

A quantidade de urina é no começo da intoxicação augmentada. Mais tarde diminue, chegando a descer muito abaixo da normal.

A principio as micções são dolorosas, o que obriga o doente a procurar diversas posições, em que mais facilmente as possa effectuar. Ainda assim, é por vezes gotta a gotta, que elle consegue esvasiar a bexiga.

Esta dysuria é algumas vezes a causa de soffrimentos horriveis.

Taes perturbações vão até á completa impossibilidade de emissão da urina, o que determina o emprego frequente da sonda, n'este genero de doentes.

No numero das perturbações d'este apparelho, citaremos ainda a albuminuria e a glycosuria, factos averiguados, mas cujo mechanismo é, ainda hoje, diversamente interpretado.

Apparelho genital — A acção das primeiras doses de morphina sobre este apparelho, é inquestionavelmente uma das mais largas portas de entrada para a morphinomania.

Eterna illusão, ou antes lastimavel ignorancia !

A principio, as funcções genitales soffrem effectivamente uma verdadeira excitação, que se traduz no homem por uma potencia genital exagerada, o que lhe permite renovar *actos de amôr* em curtos intervallos sem fadiga apparente. Porém, essencialmente fugaz, esta excitação em breve desaparece, e, já ao fim do primeiro mez do morphinismo se observa uma diminuição accentuada no gráu de erecção, que mais tarde se torna incompleta.

Na mulher a excitação primitiva é principalmente psychica, fazendo-a entrever nos seus sonhos, scenas ainda mais deliciosas do que a realidade. Este estado, porem, n'um como no outro, é pouco duradouro, sendo em breve substituido por um verdadeiro priapismo doloroso, seguido de impotencia completa que a principio se traduz pela supressão dos desejos sexuaes, e mais tarde por uma verdadeira repugnancia pelos mesmos actos que no principio com tanto prazer provocaram.

Estes factos quasi sempre coincidem com a desappareição dos espermatozoides e diminuição da secreção espermatica no homem, e com a supressão da menstruação — *a amenorrhêa* — na mulher.

Desordens musculares — Os musculos são tambem atingidos pelo terrivel veneno que vimos estudando.

É por tremores, por espasmos, por sobresaltos, que se manifesta a acção da morphina sobre o systema muscular.

Os tremores apparecem por intervallos, principalmente de manhã, sob a fórma de verdadeiras crises, affectando de preferencia as mãos e a lingua. Podem ser bastante pronunciados para difficaltar os movimentos de apprehensão.

Ao mesmo tempo sobreveem uma outra desordem funccional mais importante: — o enfraquecimento muscular, consistindo n'um sentimento de debilidade e de atonia, que condemna o morphinomano a uma inacção relativa ou absoluta.

Espasmos fibrillares — Ás manifestações acima citadas, juntam-se ainda certos espasmos tonicos, caimbras, sobresaltos musculares, convulsões locais, etc., que chegam a ser cruelmente sentidas pelos nossos doentes. Notam-se ainda contracções fibrillares dos musculos da face, do orbicular das palpebras e dos labios.

Em geral, estes diversos symptomas apenas se observam em um dos lados do corpo.

Os musculos da vida vegetativa são tambem interessados, manifestando-se quer por um sentimento de constrictão da pharinge, quer por um aperto espasmodico do canal da urethra, quer por puxos, tenesmo, e sobretudo, por contracções violentas espasmodicas do intestino, que provocam ao mesmo tempo que dôres mais ou menos consideraveis, evacuações algumas vezes muito abundantes.

Systema nervoso— Não ha certamente influencia tão notavel, como a que pela morphina é produzida sobre o systema nervoso e cujo conjuncto de phenomenos se designa sob o nome de— *euphoria* — .

Não existe, em verdade, expressão com que se possa tornar bem nitido um tal estado. É simultaneamente uma sensação de bem estar em que se realisa a felicidade de viver, o bello em todas as coisas e a facilidade de executar, ainda mesmo em trabalhos os mais arduos ou os mais extravagantes. N'uma palavra, tudo é bello, tudo é bom, tudo é facil; o impossivel não existe.

Os que soffrem, experimentam allivios que lhes constituem uma verdadeira felicidade. Todavia, o primeiro mal apparece desde logo, com a fraca duração do sentimento *euphorico*, porque as cellulas cerebraes habituadas ao estimulante não reagem mais, do que enquanto dura a sua influencia.

D'ahi a necessidade de successivas picadellas,

umas sobre outras, para que se não deixe de gozar no intermedio que vae da annullação do effeito d'uma picadella anterior, até ao novo prazer de nova injeção.

A embriaguez morphinica, que immediatamente se produz a cada injeção, e de que o sentimento *euphorico* é a melhor expressão, pode aparentemente faltar.

As faculdades intellectuaes soffrem um enfraquecimento, que progressivamente vae augmentando, para attingir mais tarde o marasmo e a demencia.

Uma das faculdades primeiramente atacadas, é a *memoria*, e a amnesia toma um caracter muito proximo do da observada na demencia senil, quer dizer, que principalmente se refere á perda de noções recentemente adquiridas.

A *vontade* é poderosamente atacada tambem, podendo dizer-se que o morphinomano a não possui, o que constitue um dos grandes obstaculos no tratamento.

O *senso moral* perdido, os sentimentos affectivos desaparecem e surge o egoismo feroz. O morphinomano apenas se preoccupa comsigo, manifestando um desinteresse completo por tudo o que se não relaciona com elle, ou antes, com o seu vicio. Na mulher, o pudôr aniquila-se. O *character* é tambem essencialmente modificado. O morphinomano torna-se irascivel, ralhador, brigão, e, por vezes, alterações mais profundas dão-lhe

acessos de colera, em que a violencia faz explosão.

Por vezes tornam-se misantropos, hypocondriacos, solitarios, e, é curioso, que, em geral todos analysam e avaliam devidamente o seu estado.

Os morphinomanos são ainda frequentemente accusados de mentirosos; no entanto magnificas observações de Paul Rodet affirmam-nos que de facto assim é, mas só quando do seu vicio se trata. De resto isto dá-se com todos os viciosos.

O *somno* do morphinomano, quando elle consegue dormir, é crivado de pesadêlos, pois que, ao contrario do que geralmente se affirma, a morphina não dá o somno; antes o tira.

Quanto á *sensibilidade geral*, as perturbações são de ordem muito diversa: sensações de formigueiros, picadas, dôres intensas, anesthesia em alguns casos e hyperesthesia as mais das vezes.

Quanto ás *perturbações sensoriaes*, o gosto torna-se embotado, o ouvido quasi surdo, a vista quer dolorosa quer deformada.

Nas *perturbações psycho-sensoriaes*, ha hoje ainda viva discussão; no entanto se em devido sentido tomarmos o termo allucinações, estas perturbações, bem assim as illusões são phenomenos cuja existencia as crises nocturnas tornam irrefutaveis. As principaes allucinações dão-se no morphinomano com respeito á vista, ao ouvido e á sensibilidade.

Para o fim d'este capitulo propositadamente

guardamos os symptomas que se referem ao systema nervoso, por ser n'elle que mais vivamente actua o agente — morphina, — deixando-nos um quadro symptomatico da gravidade das lesões que n'elle effectua.

É principalmente por elle que o medico se deve illucidar, e é a elle sobretudo, que se deverá dirigir em materia de tratamento.

Tratamento

O tratamento deve ter por objecto supprimir o veneno da maneira a mais segura e radical, usando da fôrma que menos penósa seja ao doente.

Entre os diversos systemas empregados, surgem naturalmente os chamados methodos de supressão, que pode ser: brusca, rapida, e graduada ou lenta.

Na *supressão brusca*, o methodo de Levinstein é o mais preconizado e o mais completo. As suas indicações são nitidas.

O processo está em dispôr o quarto do doente de fôrma a impossibilitar qualquer tentativa de suicidio. Escusamo-nos a expôr os pormenores que nos levam ao conseguimento de tal fim; ape-

nas referiremos, que por tal methodo, não se acha esquecido o minimo pormenor. Tudo se encontra alli tractado; a questão do pessoal, *d'entourage*, e as precauções que dizem respeito ao doente.

Sobre as vantagens d'este methodo, apenas notaremos os inconvenientes da possibilidade d'um colapso mortal.

A *suppressão rapida*, faz-se pelo methodo de d'Erlenmeyer. Este methodo toma sobretudo em consideração a dóse diaria, a duração da doença e a constituição do doente; e consiste essencialmente em que a suppressão da morphina se faz d'uma maneira rapida mas não brusca, e portanto sem perigo para a vida do doente. Assim o colapso é excluído.

A *suppressão graduada ou lenta* consiste em desmorphinizar o doente pela suppressão diaria de uma fraca quantidade de morphina, até attingir a suppressão total ao fim de longo praso.

As suas vantagens d'algunha importancia, por fórma alguma compensam os numerosos inconvenientes. A technica é simples, mas por demasiado lenta, cança a paciencia do enfermo, levando-o á interrupção do tratamento, senão á propria renuncia.

O segundo systema de tratamento, por outros usado, consiste na medicação substitutiva, na qual o processo não varia, mas em que o agente é sempre differente. Assim todo o systema consiste na suppressão progressiva da morphina, e

substituição por um outro agente. Este pode ser: a agua pura, o opio, a codeina, a cocaina e o alcool ainda.

Certo é porem, que alem do grande inconveniente de exigir um lapso de tempo demorado para bom exito de tratamento, tem ainda como consequencia quasi fatal uma segunda intoxicação. O morphinomano passa assim a opiophago, a cocainomano, a alcoolico, etc. É como se vê, a simples substituição d'um vicio por outro.

Devemos accrescentar, que as injecções de agua pura representam uma fraude que o doente desde logo apercebe, e, d'ahi, a inutilidade do tratamento.

N'uma terceira ordem de idéas, entram as medicações especiaes. Apenas ennumeraremos as principaes, visto que o seu valôr therapeutico é defficiente.

N'este caso estão a medicação physiologica de Jeunings, os brometos, os alcalinos por demorphinisação chimica, os glycerophosphatos, a atropina, a duboisina, a meco-narceina e diversos agentes physicos, taes como: as vibrações mecha-nicas, o calor solar, e ainda a hydroterapia.

N'este capitulo referiremos ainda o tratamento psycho-therapico, em que o hypnotismo se emprega como processo e a sugestão como agente.

No tratamento symptomatico, deveremos ligar fortemente a nossa attenção sobretudo aos symptomas: colapso, delirio maniaco, diarrhêa, vomitos e insomnia. Os agentes therapeuticos a em-

pregar, por demasiadamente conhecidos, não se citam aqui.

Para terminar acrescentaremos apenas, que actuar d'uma maneira systematica no que diz respeito a tratamento, é um erro therapeutico cujos inconvenientes claramente se evidenciam. Devem pois conhecer-se todos os meios de tratamento de que se póde dispôr, e applical-os segundo os diversos casos.

Não podemos deixar terminar capitulo tão importante, sem nos referirmos ao isolamento dos morphinomanos, elemento essencial para um tratamento sério e de resultados seguros.

Um segundo elemento de alta valia, consiste na prophylaxia, já como factor de tratamento individual, já como medida de extraordinaria importancia para conter o desenvolvimento da morphinomania.

Era justo assim n'este logar apellar para uma tal severidade de leis, que, impedisse a medicos e pharmaceuticos o abuso no emprego e na venda da morphina.

PROPOSIÇÕES

Anatomia — Nos ossos do craneo ha particularidades que se não encontram nos outros ossos largos.

Physiologia — As variações na frequencia do pulso, nem sempre se relacionam com a temperatura interna.

Therapeutica — Na administração do opio, devemos ter em consideração a idade e a tolerancia do organismo.

Pathologia externa — Em casos de tumores do seio, nunca intervirei sem previa punção exploradora.

Pathologia interna — A medicação opiada deve suspender-se desde que appareça albumina nas urinas.

Operações — O methodo antiseptico tem ampliado consideravelmente o campo da cirurgia conservadora.

Pathologia geral — O abuso da morphina goza um papel importante na degenerescencia gordurosa cardio-vascular.

Anatomia pathologica — A virulencia das bacterias está subordinada á resistencia do organismo.

Partos — Reprovo a applicação demorada da morphina na mulher grávida.

Medicina legal — O morphinomano, em certos casos, é um irresponsavel.

VISTO
O Presidente,
Azevedo Maia.

PÓDE IMPRIMIR-SE
O Director,
Wenceslau de Lima.